

TECENDO CAMINHOS: ESCOLA, INCLUSÃO E GÊNERO

Ana Beatriz Medeiros Ferreira ¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar tecendo caminhos: escola, inclusão e gênero. As interrelações com a comunidade escolar e o processo de ter a habilidade em possibilitar experiências com uma diversidade de culturas, estudantes com especificidades de gêneros, cultura essa que possibilitou ao longo do tempo o desenvolvimento da autonomia deles, incentivando o protagonismo juvenil. A conquista dessa autonomia é possível com a emancipação de ideias preconceituosas que ao longo do tempo, a história dissipa aos poucos uma situação de marginalidade, de baixa autoestima, sentir-se diferente, ter a crítica no olhar de alguns, são fatores que podem emanar o gatilho para a exclusão, a pessoal e a emocional, a pessoal está ligada ao abandono da escola, do meio social, levando o indivíduo ao isolamento, a exclusão emocional, está diretamente ligada aos fatores psicológicos, isolamento, depressão entre outros. A equidade a diversidade de gênero, o processo de inclusão. Com a metodologia de pesquisa bibliográfica, teremos uma pesquisa descritiva, qualitativa, onde foram analisados artigos, teses e livros; em sites como google acadêmico; autores que com a contribuição na formação docente, como: Antônio Nôvoa, embasado com a epistemologia humanista de Edgar Morin. Os capítulos procuram situar dois temas relevante, o primeiro explana, a escola e a diversidade de gênero, decorre sobre o papel da escola no processo de acolhimento a diversidade de gênero e o segundo a inclusão no chão da escola; situa o processo de inclusão e a participação de toda comunidade escolar para a promoção dessa realidade. Ao concluir percebe-se que há muito ainda a ser realizado para uma inclusão com plenitude, a formação e a capacitação de toda comunidade escolar se fazem necessário, passos estão sendo dados para que aconteça a equidade, políticas públicas se envolvem promovendo capacitações, palestras para a promoção do respeito a diversidade de gênero.

Palavras-chave: Escola, Inclusão, Gênero, Autonomia.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo analizar caminos que tejen: escuela, inclusión y género. Las interrelaciones con la comunidad escolar y el proceso de tener la capacidad de possibilitar experiencias con diversidad de culturas, estudiantes con géneros específicos, cultura que permitió el desarrollo de su autonomía en el tiempo, fomentando el protagonismo juvenil. El logro de esta autonomía es posible con la emancipación de ideas prejuiciosas que con el tiempo, la historia va disipando una situación de marginalidad, la baja autoestima, sentirse diferente, tener críticas en los ojos de algunos, son factores que pueden emanar el detonante de la exclusión. , personal y emocional, lo personal está vinculado al abandono de la escuela,

¹ Graduada em Pedagogia-FACHO-PE, Especialista em Arte Educação-UFPE-PE, Mestre em Ciências da Educação-UCDB-MS – UF, Doutoranda em ciências da educação, UNIDA, PY, ana.beatrix1@gmail. Com

del entorno social, llevando al individuo al aislamiento, exclusión emocional, está directamente vinculado a factores psicológicos, aislamiento, depresión entre otros. Equidad, diversidad de género, proceso de inclusión. Con la metodología de investigación bibliográfica, tendremos una investigación descriptiva, cualitativa, donde se analizaron artículos, tesis y libros; en sitios como Google Scholar; autores que contribuyeron a la formación docente, como: Antônio Nòvoa, basado en la epistemología humanista de Edgar Morin. Los capítulos buscan situar dos temas relevantes, el primero explica, la escuela y la diversidad de género, se centra en el papel de la escuela en el proceso de acogida de la diversidad de género y el segundo, la inclusión en el ámbito escolar; sitúa el proceso de inclusión y la participación de toda la comunidad escolar para promover esta realidad. En conclusión, es claro que aún queda mucho por hacer para la inclusión completa, es necesaria la capacitación y calificación de toda la comunidad escolar, se están tomando medidas para garantizar la equidad, se involucran políticas públicas en el fomento de la capacitación, charlas para promover respeto a la diversidad de género.

Palabras clave: Escuela, Inclusión, Género, Autonomía.

ABSTRACT

This article aims to analyze weaving paths: school, inclusion and gender. The interrelations with the school community and the process of having the ability to enable experiences with a diversity of cultures, students with specific genders, a culture that enabled the development of their autonomy over time, encouraging youth protagonism. The achievement of this autonomy is possible with the emancipation of prejudiced ideas that over time, history gradually dispels a situation of marginality, low self-esteem, feeling different, having criticism in the eyes of some, are factors that can emanate the trigger for exclusion, personal and emotional, personal is linked to abandonment of school, the social environment, leading the individual to isolation, emotional exclusion, is directly linked to psychological factors, isolation, depression among others. Equity, gender diversity, the inclusion process. With the bibliographic research methodology, we will have descriptive, qualitative research, where articles, theses and books were analyzed; on sites like Google Scholar; authors who contributed to teacher training, such as: Antônio Nòvoa, based on the humanist epistemology of Edgar Morin. The chapters seek to situate two relevant themes, the first explains, the school and gender diversity, focuses on the role of the school in the process of welcoming gender diversity and the second, inclusion on the school floor; situates the process of inclusion and the participation of the entire school community to promote this reality. In conclusion, it is clear that there is still a lot to be done for complete inclusion, the training and qualification of the entire school community is necessary, steps are being taken to ensure equity, public policies are involved in promoting training, lectures for promoting respect for gender diversity.

Keywords: School, Inclusion, Gender, Autonomy.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo; analisar os caminhos escola, inclusão e gênero. Justifica -se ao estudar as interrelações com a comunidade escolar e o processo de habilidades e competências dos estudantes em possibilitar experiências com a diversidade cultural, gêneros, o desenvolvimento da autonomia, o incentivo do protagonismo juvenil. A conquista da autonomia, a emancipação de ideias preconceituosas. A equidade a diversidade de gênero, o processo de inclusão. Com a metodologia de pesquisa bibliográfica, pesquisa descritiva, qualitativa, foram analisados artigos, teses e livros; em sites como google acadêmico; autores que com a contribuição na formação docente, como: Antônio Nòvoa, embasado com a epistemologia humanista de Edgar Morin. Os capítulos procuram situar dois temas relevante, o primeiro explana, a escola e a diversidade de gênero, decorre sobre o papel da escola no processo de acolhimento a diversidade de gênero e o segundo a inclusão no chão da escola; situa o processo de inclusão e a participação de toda comunidade escolar para a promoção dessa realidade. Ao concluir percebe-se que há muito ainda a ser realizado para uma inclusão com plenitude, a formação e a capacitação de toda comunidade escolar se fazem necessário, passos estão sendo dados para que aconteça a equidade, políticas públicas se envolvem promovendo capacitações, palestras para a promoção do respeito a diversidade de gênero.

METODOLOGIA

A elaboração da parte metodológica foi através de uma pesquisa bibliográfica. A revisão realizada a partir do levantamento bibliográfico de literatura publicadas. Em uma seleção da literatura de artigos, livros, periódicos e teses publicados na língua portuguesa com a base de dados Scielo e Scholar Google. Na literatura, utilizadas quatro palavras chaves: Escola, Inclusão, Gênero, Autonomia. O referencial com uma abordagem qualitativa, descritiva e uma análise de conteúdo da Laurence Bardin, foram pesquisados artigos, revistas científicas, livros e dissertações. Este artigo tem

sua finalidade o objetivo de analisar tecendo caminhos: escola, inclusão e gênero. As interrelações com a comunidade escolar e o processo de ter a habilidade em possibilitar experiências com uma diversidade de culturas, estudantes com especificidades de gêneros, cultura essa que possibilitou ao longo do tempo o desenvolvimento da autonomia, incentivando o protagonismo juvenil. O teórico citado Edgar Morin, o teórico busca situar o leitor em um caminho pelo pensamento da complexidade humana, através reflexões sobre seu livro cabeça bem-feita, pertinente ao tema e alguns autores que corroboraram para a elaboração do presente artigo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A ESCOLA RESSIGNIFICANDO PARADIGMAS DE INCLUSÃO

No meio educacional nos deparamos com uma diversidade cultural, político e etnológico; um labirinto de emoções contidas e explosivas em algumas situações. Docentes se deparam com uma realidade de desafios, todos os dias precisam ressignificar paradigmas que antes tinham como verdade absoluta, se capacitar para saber compreender e exercer sua profissão com destreza.

“As escolas integrais de Pernambuco, tem um diferencial, a avaliação integralizada, que é a avaliação interdimensional, que tem um direcionamento sistemático, baseada em quatro dimensões da pessoa, que é a afetividade, corporeidade, racionalidade e espiritualidade.” (DE PAULA, et al, 2020, p.374)

Ao exercer o seu papel como educador o docente se depara com um processo de inserção de alguns saberes intrínsecos e prévios que termina segregando alguns indivíduos e excluindo outros. Logo que remove o campo prístino, e se coloca, mas humanizado, das interações sociais e relações entre pares evoluem. Porém, precisa passar de campo imaculado, conveniente pois, o ser procura o que não incomoda, o fácil, o proveitoso, para campo de interesse humano. A Educação, construção social de ensino-aprendizagem, encontra meios para a compreensão do campo do conhecimento onde não marginalize o educando, e não se desprender do sentido último: Formar Sujeitos.

“Nenhum sistema educativo, nenhuma pedagogia pode cumprir integralmente sua tarefa se deixar do lado de fora dos muros escolares o corpo. Se a educação

física e a educação artística fossem disciplinas centrais nos programas escolares, então, provavelmente, teríamos uma pedagogia a tratar do corpo sensível, corpo expressivo, corpo esportivo. Corpo! Sim, alma e espírito encarnados. É o corpo repleto de emoções, é o ser humano na sua plenitude. Este corpo repleto de significados é um corpo humano que aprende com facilidade a expressar-se no discurso, aprende com facilidade o raciocínio formal, aprende com facilidade a fazer contas, escrever sua história e a conhecer as ciências e as filosofias. É o corpo no mundo. É o corpo vivido. É a expressão mais evidente da complexidade organizacional.” (GAYA, 2006, p. 252)

A Educação, formadora de sujeitos, precisa trabalhar com o universo ao qual estes sujeitos estão inseridos, e possibilitar uma leitura crítica, onde é impossível a leitura neutra, da sociedade. Todas as leituras da sociedade vêm acompanhadas de uma posição do leitor.

“Por meio do currículo, são efetivados os ideais de grupos sociais e políticos da sociedade. O currículo torna-se o eixo central dos sistemas educacionais, à medida que abarca uma carga de desejos, particularidades, reconhecimento, espaços conquistados e diversidade de saberes” (SALDANHA, 2018, p.157)

A introdução de um currículo, se efetiva a interação de saberes compartilhados, mas regionalizados, em uma busca a universalização, de interjeições muitas vezes não introjetadas e difundidas no meio socioeducacional. Efetivando a disparidade educativa entre localizações.

A ESCOLA INCLUSIVA COM DIVERSIDADE DE GÊNEROS

A diversidade de gêneros sempre esteve presente na comunidade escolar. A situação encontra-se mais explícita porque os meios de comunicações estão mais avançados e encontra mais pessoas com acesso a eles.

“Ensinar inexiste sem aprender e vice-versa e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar. Foi assim, socialmente aprendendo, que ao longo dos tempos mulheres e homens perceberam que era possível – depois, preciso – trabalhar maneiras, caminhos, métodos de ensinar. Aprender precedeu ensinar ou, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender. Não temo dizer que inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz”. (FREIRE, 1996, p.11)

O meio educacional não poderia se estagnar entraria em colapso; porque a cultura, a política, a sociedade estão em constante mudança; o ser humano está em contante metamorfose. As cicatrizes intrínsecas, a cultura, o meio de comunicação avançado e ao

alcance de todos, determina situações antes não aceita. O espaço do estudante no meio socioeducacional precisa ser salutar, para um desenvolvimento pleno do estudante. Como propiciar esse ambiente educacional salutar? Ora, a resposta está em nós, o desenvolvimento emocional de toda comunidade escolar precisa ser cuidado; antes até mesmo do cognitivo.

Há um segundo princípio de identidade, inseparável, que é: “Eu” continua o mesmo a despeito das modificações internas do “eu” (mudança de caráter, de humor), do “si mesmo” (modificações físicas devidas à idade). De fato, o indivíduo modifica-se somaticamente do nascimento à morte. Todas as suas moléculas são substituídas inúmeras vezes, assim como a maioria de suas células. Há modificações extremas no interior do “eu”, e chegarei a elas. A despeito disso tudo, o sujeito continua o mesmo. Ele diz simplesmente: “Eu era criança”, “Eu estava irado”, mas é sempre o mesmo “Eu”, ao passo que os caracteres exteriores ou físicos do indivíduo se modificam. Aí está o segundo princípio de identidade, esta permanência da autorreferência, apesar das transformações e através das transformações. (MORIN, 2000, p. 121)

Com a pedagogia da presença o professor cuida do estudante, com uma escuta ativa, saber escutar o primeiro passo para um elo de comunicação e vínculo emocional.

“Na visão do relacionamento interpessoal, o protagonismo juvenil, envolve seus pares com empoderamento de uns verdadeiros líderes, em ações da comunidade escolar com seus pares, os estudantes que estão envolvidos no processo passam a exercer também a disponibilidade de encontrar pessoas que possam ajudar, como foram ajudados e acolhidos pelos protagonistas, formando assim uma “teia” de relacionamentos positivos”. (FERREIRA, 2023, p.06)

O mesmo acontece entre os pares, estudante com estudante, professor com professor, professor com a equipe gestora, equipe gestora com pais e demais funcionários da escola.

“Aquele que se põe no papel de protagonista acaba tomando para si a figura de líder e de reconhecimento entre os pares. Nisto a evidência assume o mesmo peso de uma tatuagem já que as relações simbólicas feitas podem existir tanto no objeto, no caso a tatuagem, quanto na posição, o protagonismo. E esta existência incide sobre todas as lógicas de pertença” (FERREIRA, 2021, p.07)

O olhar encontra o sentimento de acolhimento e o que não acolhe, o gênero é confundido com o que permeia no preconceito, o ser, a pessoa muitas vezes não são vistos como pessoas, são relacionadas a um adjetivo pejorativo em roda de conversas, quer de professores ou de até mesmo dos seus pares. Hoje com direitos adquiridos, os que em roda de conversas, remetem dizeres excludentes, se dizem apoiadores da causa e muitas vezes tem um discurso anti- homofobia; uma dicotomia onde prevalece são as aparências. O acolhimento precisa acontecer de forma espontânea e verdadeira, o aceitar o indivíduo sem se ater as amarras do preconceito. Podemos encontrar algumas pessoas na comunidade escolar com este entendimento. Faz parte do trabalho da equipe gestora a

articulação para um bom relacionamento entre os pares, principalmente a equipe docente e relacionamentos entre os estudantes articulando com a equipe dos protagonistas da escola, uma interação com os estudantes para que todos tenham uma inclusão e sentimento de pertencimento ao meio educacional.

“A compreensão do poderoso papel das emoções no ambiente de trabalho distingue os bons líderes dos demais — não só em aspectos tangíveis, como melhores resultados empresariais e retenção de talentos, mas também nos importantíssimos aspectos intangíveis, como moral mais elevado, motivação e dedicação” (GOLEMAN, 2002, p.18)

Na escola temos diversidade cultural, emocional, social e política; todos interagindo e tentando se colocar como parte do todo, através de diálogos e encontros em grupos que se sentem pertencentes, aceitos. O acolhimento precisa ser recíproco, ser sincero para que a inclusão aconteça.

As emoções não ditas em um corpo cheio de perguntas sem respostas, são despercebidas em meio do caos da aparência perfeita, ou quase, para alguns, o ser querendo fazer parte de uma maioria, que na realidade se sente minoria imperfeita, quebrada, desapropriada de seu Eu. Segundo, MEDEIROS (2019), “A educação inclusiva por conta de um movimento que tenta romper com a exclusão de qualquer maneira, visando sempre que a escola está voltada para todos,” Discursos alheios de si, querendo fazer parte da sociedade perfeita ou que pensa ser perfeita, para ser aceito no mundo que não pertence a ninguém, a apenas as pessoas que têm a coragem de se despir, se desnudar e mostrar a sua verdadeira face com autoestima e altivez, para não ser engolido pela hipocrisia do dito correto e normal. Sentimentos de muitos tatuados pela vida, pelo preconceito que ainda lidera e exala em toda a parte.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O empoderamento torna-se mais eficiente com uma educação que envolva construção social de ensino-aprendizagem, encontre meios para uma compreensão humanizadora, conhecimento fluído, flexível gerando alta autoestima. O estudante

depende emocionalmente de contextos complexos; à prisão psicológica e a imaturidade de lidar com pessoas, o relacionamento interpessoal é comprometido com ações sem planejamento, avaliando esses comportamentos a educação integral de Pernambuco tem vários projetos dentro do programa integral que prioriza o educando de forma integral e integralizada, buscando ações protagonista e incentivo ao projeto de vida do estudante. Nesse sentido, na educação os projetos são realizados para a inclusão do jovem como parte independente do gênero, porém as discussões ainda são muito recentes, envolvendo dúvidas de vários setores no âmbito educacional, política e social. Os paradigmas estão visivelmente se transformando ao longo do tempo, a responsabilidade em acompanhar as mudanças pertence todos. As políticas públicas do estado de Pernambuco encontraram um meio para uma inclusão eficiente e eficaz, palestras sobre gêneros, o programa de protagonismo juvenil, programa do projeto de vida dentro das escolas de referência integrais, escolas técnicas e escolas semi-integrais, estimula, elevando a autoestima dos estudantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os caminhos, escola, inclusão e gênero. As interrelações com a comunidade escolar é o processo quem possibilita experiências com diversidade culturais e estudantes com diversos e especificidade de gêneros, incentiva ao longo do tempo o desenvolvimento da autonomia, o protagonismo juvenil, fator e elemento fundamental para a construção do empoderamento. A conquista dessa autonomia é possível com a emancipação de ideias preconceituosas, a história dissipa aos poucos uma situação de marginalidade, de baixa autoestima, sentir-se diferente e a crítica no olhar de alguns, que são fatores que podem emanar o gatilho para a exclusão, a pessoal e a emocional, a pessoal está ligada a evasão e ao abandono escolar, social. A relação protagonismo juvenil, inclusão e gênero se misturam é uma relação simbiótica a qual uma depende da outra para apropriação de ações e valores que irão ajudar na vida pessoal e profissional de todos envolvidos. As relações interpessoais na educação integral e profissional de Pernambuco, perpassam por diversas fases de crescimento, verificou-se que estas fases de crescimento são apropriações de ideias e ideais de transformação e aprimoramento para o futuro em prol a vida para o trabalho. As ações de responsabilidade emocional, o respeito a identidade cultural, a inclusão e o empoderamento, faz parte do programa integral e

consequentemente dos projetos na comunidade escolar. Ao concluir percebe-se que há muito ainda a ser realizado para uma inclusão com plenitude, a formação e a capacitação de toda comunidade escolar se fazem-se necessário, também se faz necessário mais pesquisas por parte da comunidade científica, passos estão sendo dados para que aconteça a equidade, políticas públicas, para a promoção do respeito a diversidade de gênero.

REFERÊNCIAS

DE PAULA, DANIEL GIOTTI et al. DIREITOS SOCIAIS E POLÍTICAS PÚBLICAS VOL.1,2020.

FERREIRA, Ana & Santana, Washington & Duarte, Ana. (2023). Adolescentes em ensino médio: Inclusão, protagonismo e empoderamento. 10.56238/futuroeducpesqtrans-029.

FERREIRA, Ana Beatriz Medeiros. O PROTAGONISMO JUVENIL DE ADOLESCENTES AO OLHAR DE MICHAEL FOUCAULT.2021

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura) ISBN 85-219-0243-3

GAYA, Adroaldo. The reinvention of bodies: for a pedagogy of complexity. **Sociologias**, p. 250-272, 2006.

MEDEIROS, FERREIRA ANA BEATRIZ, Educación Inclusiva, todavía Exclusiva, p.140, Educación Inclusiva, Abriendo Puertas al Futuro, Almeria, 2019. 11Editorial Enfoques Educativos ,S.L, ISBN, 978-84-945 073-0-4, Depósito legal: J874-2019. Disponível em <https://congresoeducacioninclusiva.es/>

MORIN, Edgar. A cabeça bem-feita. **Rio de Janeiro: Bertrand Brasil**, v. 99, 2000.

GOLEMAN, Daniel; BOYATZIS, Richard; MCKEE, Annie. O poder da inteligência emocional. **Rio de Janeiro: Campus**, 2002.

SALDANHA, Diana Maria Leite Lopes; AMARILHA, Marly. O ensino de literatura no curso de Pedagogia: uma presença necessária. **Educar em revista**, v. 34, p. 151-167, 2018.